

Teatro

25, 26, 27 de setembro 2014

The Future Show

O Espetáculo do Futuro
de Deborah Pearson

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Autoria e interpretação Deborah Pearson

Desenvolvido com uma bolsa do Arts Council England

Apoio BAC, Amhurst Republic e MAKE (Irlanda)

Estreia 10 de janeiro de 2013, Battersea Arts Centre, Londres

Na sexta-feira 26, após os espetáculos, haverá uma conversa com os artistas no Pequeno Auditório.

Qui 25, sex 26, sáb 27 de setembro

21h30 · Pequeno Auditório · M12 · Em inglês, sem legendas

Apresentado em sessão dupla com *what happens to the hope at the end of the evening* · Duração total: 2h10 · Intervalo de 15 minutos

O Eu Futuro

The Future Show é um monólogo lido a partir de um *dossier*. O cenário é uma mesa onde pousar o *dossier*, uma cadeira para me sentar e um microfone para onde falar. As últimas palavras da peça são também as primeiras palavras da peça. Entro em cena, olho o público nos olhos e depois digo ao microfone: “Vou dizer ‘A duração de um sopro’ e assim que eu disser isto vocês vão aplaudir. Mesmo aqueles que se aborreceram um bocado vão aplaudir porque é uma maneira confortável de assinalar um final.” A partir dali descrevo as particularidades de como vou sair de cena (de acordo com os traços próprios do espaço em que estiver a atuar – onde é a porta, se o cabo do microfone está à vista e/ou colado com fita, se há um técnico a quem dizer adeus) e descrevo o público a sair do espaço. (Descem umas escadas? Há escadas? Entram para um *foyer*? Vão à casa de banho? Há um bar?) Continuo a narrar o futuro avançando para o dia seguinte, a semana seguinte, acontecimentos assinalados no meu calendário, férias que estão planeadas. O que leio a partir do *dossier* acelera e fragmenta-se até se tornar uma narração mais geral sobre envelhecer, terminando com o fim da minha vida. Para além de interrogar o termo representação – será possível representar um acontecimento que está prestes a acontecer – a peça também interroga a representação de uma vida – onde e quando deve terminar uma peça sobre todo o meu futuro?

Como nota Foucault, “o nome de um autor é um substantivo. Coloca os

mesmos problemas que um substantivo. [...] É uma instrução, uma ação, um dedo apontado a alguém; de certa forma, é o equivalente de uma descrição”. No trabalho autobiográfico este dedo está apontado para o eu, e a questão surge inevitavelmente – como é que alguém se pode representar a si própria de verdade?

Tim Crouch joga com a expectativa de que se vai representar fielmente a si próprio em toda sua obra – começando com *My Arm*, a história de um homem que mantém o braço levantado acima da cabeça, na qual Crouch nunca ergue o braço – e mais explicitamente talvez em *The Author*, uma peça situada dentro do público onde o autor Tim Crouch confessa ter escrito uma peça que representa a violência de forma irresponsável e irrefletida. Nessa peça, ao contrário de *An Oak Tree*, onde o nome da personagem nunca é especificado, a personagem do autor chama-se Tim Crouch e é, autobiograficamente, muito semelhante ao Tim Crouch verdadeiro. “A topografia dessa peça é a nossa casa em Brighton. [...] Quanto mais enraizada na minha vida, mais autêntica era.” Estas semelhanças autobiográficas, juntamente com a natureza muito sombria das falas de Tim na peça e a atribuição da escrita do texto a um Tim Crouch verdadeiro, criaram alguns momentos particularmente exaltados de confusão para o público sobre o modo como Tim Crouch se estava a representar a si próprio. Num dos poucos exemplos anedóticos de um espectador que tenha conseguido alterar o texto do espetáculo, numa apresentação (em Bristol ou

Edimburgo – é interessante que duas descrições registadas se contradigam) uma mulher no público continuou a dizer a Tim Crouch “Você é o Tim Crouch? Você é o Tim Crouch? VOCÊ É O TIM CROUCH?” e não parava até alguém lhe responder. Crouch acabou por responder: “Eu sou o Tim Crouch, aquele é o Vic Lewellyn, esta é a Esther Smith, aquele é o Chris Goode, e estamos a representar uma peça chamada *The Author* que se passa no Royal Court Theatre em Londres, e todas as palavras que estamos a dizer foram escritas.” Revelou à espectadora que isto era uma história que *preexistia* ao meio da sua narração - estava tudo escrito. Era uma autêntica re-presentação. Crouch conta que “durante o resto da peça os espectadores foram cachorrinhos. Foram dóceis, compreensivos, estavam a perceber, eles perceberam.” Quando perguntado sobre se lhe interessava ter um público de cachorrinhos dóceis disse: “Não. Especialmente ali. Quero que tenham de resolver a coisa.”

O meu primeiro espetáculo a solo levantava questões sobre quão genuíno seria re-presentar os nossos eus passados para e enquanto os nossos eus presentes. O meu espetáculo de 2010 *Like You Were Before* (apresentado na Culturgest em 2012) era uma peça autobiográfica sobre o passado no qual eu mostrava ao público um vídeo que foi gravado em 2005, no dia anterior a eu ter deixado o meu Canadá natal pelo Reino Unido, no que seria (eu não sabia na altura) uma mudança definitiva (por enquanto). Na peça, decorei as falas que tinha dito irrefletidamente no vídeo e

dizia-as em frente ao público cinco anos depois – tentando fazer a dobragem de mim própria tal como eu tinha sido, e usando a minha presença ao vivo como indicador da diferença entre quem eu fui em tempos e quem eu era agora. A peça era uma tentativa de realçar o que significa deixar um sítio, a natureza irritantemente finita dos meios de gravação e a natureza irritantemente finita do próprio passado. Ironicamente, depois de apresentar o espetáculo e fazer digressão com ele em 2011, o texto ao vivo da peça começou a parecer-me pouco sincero e datado por uma série de razões pessoais, embora não fosse também suficientemente datado para que isto fosse particularmente interessante. Eu estava a mudar incrementalmente, e um texto fixo não podia fazer justiça a essas mudanças. Em 2012 decidi criar uma espécie de “cápsula do tempo” com este espetáculo sobre o meu passado. Anunciei que não ia voltar a representá-lo antes de terem passado cinco anos desde que o fiz – em 2015. Tal como o espetáculo era sobre tentar representar um vídeo de mim gravado cinco anos antes, uma apresentação do texto passaria a ser sobre mim a tentar representar a criadora daquela peça de 2010, que em 2015 estará cinco anos atrás de mim, uma versão de mim própria que ficará mais à vontade como uma genuína re-presentação.

Em *The Future Show* estou liberta da tarefa de re-presentar fiel ou genuinamente o eu, mas atrapalhada pela tarefa de pre-apresentar o eu – uma tarefa também carregada de questões acerca da verdade objetiva e subjetiva. Como

escreveu um crítico de *The Future Show*, “o pacto que Pearson estabelece com o seu público é o de subscrever a sua própria predição, de cumprir um futuro que ela própria escolheu conscientemente. Isso, claramente, é uma tarefa impossível”. Para *The Future Show*, a Ficção ou uma Mentira autobiográfica está imediatamente presente simplesmente graças ao facto de que uma predição do futuro real e imediato literalmente se anula. Dito isto, para que a estranha relação entre verdade e falsidade seja mais eficaz numa pre-apresentação, as predições que faço estão sujeitas ao conselho de Aristóteles sobre a mimese e a verosimilhança – “imita sempre necessariamente uma de três coisas possíveis: ou as coisas como eram ou são realmente, ou como dizem e parecem,

ou como deviam ser.” Quanto mais verosímil (mas agora impossível) for o futuro ficcional, mais realça a inverosimilhança de predizer as nossas próprias vidas, e a inverosimilhança de ser uma versão exata do nosso eu futuro ou presente em cena.

Deborah Pearson

Excerto de um capítulo da tese que está a escrever



As Neves do Kilimanjaro e Outras Histórias

O meu namorado de liceu (e agora amigo próximo) deu-me este livro quando tínhamos uns 17 anos, acho eu. Ainda andávamos e eu ainda não tinha acabado o secundário. Em baixo está o texto da dedicatória que ele escreveu:

Para: Debbie, De: Stacey
Oh Deborah, este livro é ótimo. É suficientemente bom para inspirar quem quer que seja a escrever. Não que precisas da minha inspiração. É o tipo de livro que é suficientemente bom para nunca o teres de deitar fora. Podes guardá-lo para sempre e um dia os teus filhos podem ler as anotações que fizeres. Mas podes guardá-lo, e quando estiveres em Paris ou Kilimanjaro ou Oak Park Illinois, podes pegar nele. E podes saber que algures no mundo há um Mike Stacey, que gosta de ti o suficiente para te dar um livro tão catita.

Predição 5: Às 3 da tarde, vou ao Allpress com a intenção de tomar um café, mas vou mudar de ideias e pedir uma limonada, porque vou ficar preocupada a achar que o café me vai pôr ansiosa.

Deborah Pearson

13 de Abril de 2012

thefutureshow.wordpress.com

(Post do blog que acompanhou a criação do espetáculo)

Duas críticas

1.

[...] Em teoria, eu já vi *The Future Show* antes, no festival Forest Fringe do Gate Theatre em Abril de 2012. Mas na verdade não vi, porque Pearson reescreve a totalidade do espetáculo, ou pelo menos a primeira metade, de cada vez que o apresenta.

É uma prova da espantosa destreza de Pearson como escritora que de cada vez que vi o espetáculo o achei incrivelmente bem escrito (nem sinal do alvoroço com que deve ser agregado), desafiante e belo. Para além disso, Pearson é uma grande *performer*; o seu suave sotaque canadiano, a enunciação lenta e deliberada para um microfone, o aprumo impecável com que se senta

à sua pequena secretária lendo de um guião acabado de imprimir.

O texto de *The Future Show* propriamente dito começa por descrever a vida de Pearson a partir do momento em que o espetáculo que estamos a ver acaba. Descreve-nos a aplaudir e a ela a sair do espaço. Descreve os seus rituais pós-espetáculo e o que acontece no resto do dia. E gradualmente, avançamos no tempo, para além de Edimburgo, para além deste ano, e depois, gradualmente, para lá de décadas no futuro. O espetáculo termina com Pearson a descrever a sua própria morte.

A primeira versão do espetáculo acabava antes disto, com Deborah deitada na cama com o seu na altura recém-noivo, e parecia incluir bastante nostalgia e memórias do passado que



ocorriam como elementos do futuro para o qual ela olhava. Desta vez, o futuro parece mais comprido, mais distante, mais afastado – é interessante que se torna menos detalhado quanto mais avança, como se olhar para a frente fosse bastante parecido com olhar para trás; o dia de ontem lembrado vividamente, o ano passado mais encaixotado, dez anos atrás representados apenas por algumas imagens passageiras e assim por diante.

O que se torna fascinante, até mesmo invejável, é a capacidade de Pearson prever um futuro que a inclui a ela. Aparecem por vezes acontecimentos externos (“Compro o último jornal alguma vez impresso”), mas sobretudo passamos o tempo com uma mulher altamente inteligente e independente que atravessa a vida sendo tão espantosa como nós próprios imaginamos que ela vai ser, e portanto enfrentar a sua morte torna-se uma experiência genuinamente entristecedora.

Há algo de bastante notável na forma como Pearson se parece ter reconciliado com sua própria vida e a inevitabilidade da morte. Ver *The Future Show* dá a sensação muito menos de um ato de solipsismo e muito mais de um gesto incrível de generosidade tranquila no interior do qual todos nos podemos sentar e passar algum tempo a pensar sobre o futuro.

Andrew Haydon

Agosto 2013

postcardsgods.blogspot.co.uk

2.

Daqui a uns minutos – dependendo da velocidade da leitura – vão chegar ao fim desta crítica. Alguns de vós vão parar de ler antes de terminarem o primeiro parágrafo, porque vão perguntar-se onde é que isto quer chegar, ou vão pensar que isto não é propriamente a vossa ideia de uma crítica, ou vão decidir que a minha escrita simplesmente não é para vocês. Alguns de vós vão começar a ler e depois distrair-se com outra coisa. Alguns de vós vão abrir outro separador no vosso *browser* e ver os emails, ou ler as notícias, ou ver vídeos com gatos. Alguns de vós vão fazer um *bookmark* com esta página, um de vários *bookmarks* que dizem a vocês próprios que vão ler um dia, embora saibam que não.

Predições como esta são suficientemente fáceis de fazer. São pequenas, imediata e rapidamente provadas ou refutadas. É com este tipo de predição que abre *The Future Show*, a peça delicada e sempre em mutação de Deborah Pearson, que se expande gradualmente a partir de profecias miniatura sobre os momentos a seguir ao espetáculo até uma meditação comovente sobre a vida inteira de Pearson. Sentada a uma secretária e lendo a partir de um guião, Pearson leva-nos tranquilamente mas de forma cativante ao longo dos minutos, dias, meses e anos que a esperam, dançando levemente sobre ideias acerca do tempo, da morte e da busca constante e ansiosa de certezas num mundo caótico.

Para um espetáculo que é nominalmente sobre o futuro, a peça diz pelo

menos tanto – talvez mais – sobre o momento presente. Por causa da natureza do espetáculo, que tem de se apagar imediatamente à medida que avança para o futuro que predisse, ele é reescrito de fresco na manhã de cada nova apresentação. Como tal, fala inevitavelmente das angústias e desejos presentes, da mesma forma que o teatro sobre o passado tem por hábito refletir o momento da sua criação.

Agora (ou na altura, já que isto já está no passado quando estiverem a ler) Pearson está naturalmente preocupada com o *Forest Fringe*, de que é codirectora, e com o capítulo do doutoramento que se aproxima velocemente e que ela anda a adiar. A ansiedade produzida por estas preocupações ecoa na peça, colorindo o destino que Pearson imagina para si. As predições de Pearson também oferecem um olhar sobre as suas tentativas de lidar com o distúrbio obsessivo-compulsivo – uma condição que, diz-nos ela, nunca se pode curar, só ignorar. No meio desta *performance* meticulosamente controlada, existe a possibilidade inquietante de, ao apontar os olhos para o futuro, Pearson poder estar a piorar o seu DOC.

Mas enquanto a ansiedade pode ser específica, o seu foco é largamente partilhado. Estamos todos de uma forma ou de outra obcecados com o futuro, seja com de onde vai vir a nossa próxima refeição, ou onde queremos estar daqui a dez anos. Na sociedade atual isso é talvez mais verdade do que nunca; como notam Chris Thorpe e Hannah Walker em *I Wish I Was Lonely* (também apresentado como parte do *Forest Fringe*),

as estruturas capitalistas ensinam-nos a planear com antecedência. Somos encorajados a fazer marcações prévias, a poupar para tempos difíceis. Imaginem o futuro com clareza suficiente e serão recompensados. Neste contexto, a parada do projeto de Pearson é elevada.

O espetáculo também comenta implicitamente sobre a passagem do tempo, perguntando-se o que acontece ao presente se estamos sempre a olhar para diante – e levantando a questão sobre se esta obsessão com o futuro não acaba por nos aprisionar num presente estático e interminável. Se estamos sempre ocupados a imaginar o futuro, como é que podemos começar a fazê-lo?

Catherine Love

Agosto 2013

exeuntmagazine.com

Deborah Pearson

Deborah Pearson é escritora, *performer* e produtora. Faz peças a solo mas também colabora com outros artistas, frequentemente como dramaturgista para companhias como Paper Cinema e Action Hero. Em 2007 fundou o Forest Fringe, organização multipremiada de que é codiretora juntamente com Ira Brand e Andy Field. É também artista associada das Volcano Productions no Canadá. Está atualmente a fazer um doutoramento teórico-prático na Royal Holloway, sobre a natureza da narrativa no teatro contemporâneo.

No microfestival Forest Fringe que a Culturgest apresentou em 2012, Pearson apresentou *Like You Were Before*, sobre o último dia antes de deixar o Canadá, onde nasceu.

deborahpearson.com

Próximo espetáculo

João Hasselberg

Whatever It Is You're Seeking, Won't
Come In The Form You're Expecting
Ciclo "Jazz +351" · Comissário: Pedro Costa

Jazz Ter 7 de outubro

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M3



Concerto baseado no álbum homónimo. Sobre ele escreveu-se: “João Hasselberg assina um excelente disco inaugural e sobe a fasquia para o que vier a seguir.” António Branco, jazz.pt, crítica 4 estrelas; “Orgânico, eclético, puro, são tudo descrições perfeitas para um disco que está livre de compromissos, pressões e outras más influências que podem desviar o foco artístico.” Brent Black, Bop-N-Jazz.

Próximo espetáculo de teatro

Nova, Caledónia

de André Guedes e Miguel Loureiro

Teatro De qua 26 a sáb 29 de novembro

Palco do Grande Auditório · 21h30

Duração: a definir · M12



A segunda colaboração de Guedes e Loureiro começa onde a primeira acabava: com a deportação dos revolucionários da Comuna de Paris para a Nova Caledónia. Este será um itinerário sobre o fim das revoluções; a influência da geografia na estrutura de uma ideia; os mares do Sul como paraíso terrestre; a adequação de utopias criadas nessas latitudes; a convivência entre o anacrónico e o sincrónico.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Alice Neiva

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@gcd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
